

TIPOLOGIA DE MARCADORES ILOCUCIONÁRIOS E SEU PAPEL NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE DISCURSO

TIPOLOGY OF ILLOCUTIONARY MARKERS AND THEIR ROLE IN THE STUDY OF DISCOURSE RELATIONS

Gustavo Ximenes CUNHA¹

Resumo: Neste trabalho, explicitamos o papel dos marcadores ilocucionários, conforme a tipologia proposta por Roulet, na definição das relações ilocucionárias. Na abordagem desse autor, o estudo das relações de discurso (ilocucionárias e interativas) se realiza em duas etapas. Inicialmente, estudam-se as relações genéricas e, em seguida, as relações específicas. No intuito de tornar a identificação das relações ilocucionárias mais precisa, propusemos neste trabalho que, em cada uma dessas etapas, sejam consideradas as instruções de determinados tipos de marcadores. Assim, os marcadores de orientação ilocucionária devem ser considerados na etapa de identificação das relações ilocucionárias genéricas. Já os demais marcadores – os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) – devem ser considerados na análise das relações específicas. Com base na análise de um excerto de uma peça teatral, verificamos que, atuando nessas diferentes etapas, os marcadores ilocucionários permitem não só uma identificação mais precisa das relações ilocucionárias, mas também a percepção dos vínculos de ordem interpessoal existentes entre as personagens.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Relações de discurso. Interação.

Abstract: In this work, we explain the role of illocutionary markers, according to the typology proposed by Roulet, in the definition of illocutionary relations. Roulet proposes that the study of discourse relations (illocutionary and interactive) should be carried out in two stages. Initially, generic relationships are studied and then specific relationships. To make the identification of illocutionary relations more precise, we have proposed that, in each of these stages, certain types of markers are considered. Thus, markers of illocutionary orientation must be considered in the stage of identifying generic illocutionary relations. The other markers - the markers of illocutionary acts (denominative, indicative and potential) - should be considered in the analysis of specific relations. Based on the analysis of an excerpt from a play, we verified that acting in these different stages, the illocutionary markers allow not only a more precise identification of the illocutionary relations but also the perception of the interpersonal relations existing between the interlocutors.

Key-words: Discourse markers. Discourse relations. Interaction.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; ximenes Cunha@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0001-9953-1204>.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

No âmbito dos estudos do texto e do discurso, a abordagem cognitivo-interacionista constituída em torno de Eddy Roulet tem por finalidade central o estudo da estrutura e da complexidade de toda forma de discurso: oral, escrita, monologal, dialogal, polilogal, literária ou não-literária (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; FILLIETTAZ; ROULET, 2002)². Nessa abordagem, o estudo das relações de discurso entre constituintes do texto (atos, intervenções e trocas) desempenha papel central, uma vez que essas relações são entendidas como recursos que permitem aos interlocutores interagir ou, nos termos de Roulet (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), participar do processo de negociação. Mais especificamente, por meio dessas relações, os interlocutores podem atender a dois tipos de restrições a que, ao longo da interação, estão submetidos: a restrição de completude dialógica – ligada ao modo como desenvolvem a troca elaborando proposições, contraproposições e reações e chegam a um acordo sobre a possibilidade de encerrá-la por meio de uma ratificação – e a restrição de completude monológica – ligada à elaboração de cada intervenção constitutiva da troca (cf. ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021).

Para o alcance de cada um desses tipos de completude, Roulet propõe uma categoria de relações textuais. A categoria das relações ilocucionárias (*iniciativas* – pergunta, pedido e asserção – e *reativas* – resposta e ratificação) permite o alcance da completude dialógica, enquanto a categoria das relações interativas (argumento, contra-argumento, comentário, preparação, reformulação, sucessão, topicalização e clarificação) permite o alcance da completude monológica. Essas relações podem ou não ser sinalizadas por marcadores discursivos, como conectores, estruturas sintáticas e determinados itens lexicais (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; MARINHO, 2002, MARINHO; CUNHA, 2018; CUNHA, 2015, 2021).

Em diferentes trabalhos, valemo-nos desse arcabouço teórico no estudo das relações interativas (CUNHA, 2015, 2017a, 2020, 2021; CUNHA; BRAGA, 2018; MARINHO; CUNHA, 2018) e de alguns de seus marcadores, como *mas* (CUNHA, 2017b), *quando* (CUNHA, 2014), *com efeito* e *seja como for* (MARINHO; CUNHA, 2012) e *na verdade* (CUNHA; MARINHO, 2017). Complementando esses trabalhos, nosso objetivo na presente contribuição é abordar as relações ilocucionárias e seu papel no

2 Também conhecida como Escola de Genebra e Modelo de Análise Modular do Discurso, essa abordagem, cujo objetivo inicial, nos anos 1980, era o estudo da articulação dos atos de fala na estrutura de discursos dialogais e monologais (ROULET *et al.*, 1985; MOESCHLER, 1985), amplia-se a partir dos anos 1990 para dar conta da complexidade da organização de toda forma de discurso. Nessa perspectiva, que considera outros planos da organização do discurso, como o tópico, o sequencial e o praxiológico (acional), o discurso é concebido como interação verbal situada e como a convergência de informações de três dimensões distintas – linguística, textual e situacional (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; FILLIETTAZ; ROULET, 2002, CUNHA, 2019, 2021; CUNHA; PICININ, 2018).

desenvolvimento e encerramento da troca ou no alcance da completude dialógica, focalizando seus marcadores. Particularmente, buscamos explicitar o papel que os tipos e subtipos de marcadores ilocucionários, propostos por Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985), exercem na definição das relações ilocucionárias (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Nesse arcabouço teórico, o estudo das relações de discurso (ilocucionárias e interativas) presentes em uma produção discursiva e de seus marcadores se realiza em duas etapas, a partir da combinação de informações sintáticas, lexicais, referenciais e hierárquicas. Na primeira, estudam-se as relações com base nas categorias de relações interativas e ilocucionárias anteriormente mencionadas, as quais são entendidas como categorias genéricas de relações de discurso. Na segunda etapa, descreve-se a relação específica que liga um constituinte do texto (ato, intervenção ou troca) a uma informação previamente estocada na memória discursiva³. A descrição da relação específica se realiza por meio de um cálculo inferencial que será apresentado mais adiante. Assim, se na primeira etapa da análise uma relação foi definida genericamente como sendo de pergunta, na segunda verifica-se de forma mais precisa, por meio do cálculo, se a relação é de convite, ameaça ou conselho (ROULET, 2002, 2003, 2006; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021).

Apesar de Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985) ter proposto uma caracterização detalhada dos marcadores ilocucionários, caracterização que apresentaremos no próximo item, seu papel em cada etapa do estudo das relações de discurso não foi objeto de maiores especificações. A fim de contornar essa lacuna, no intuito de que a definição das relações ilocucionárias ganhe em precisão, propomos neste trabalho que determinados tipos de marcadores sejam considerados em cada uma das etapas do estudo das relações. Nessa proposta, os marcadores de orientação ilocucionária, que, como veremos, correspondem às construções sintáticas básicas da sentença (declarativa, interrogativa e imperativa), devem ser considerados na primeira etapa da análise, quando se identificam as relações genéricas. Já os demais marcadores – os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) – devem ser considerados na análise das relações específicas, que constitui o desenvolvimento da etapa anterior.

3 Na acepção de Berrendonner (1983, p. 230), a memória discursiva corresponde ao “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores”. Ela compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc.) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva” (BERRENDONNER, 1983, p. 230-231) e é alimentada tanto pelos acontecimentos extralinguísticos como pelas enunciações sucessivas que constituem o discurso.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Para alcançar o objetivo de explicitar o papel desses tipos de marcadores ilocucionários nas etapas do estudo das relações de discurso, apresentaremos inicialmente a tipologia de marcadores delineada por Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985), baseando-nos, em especial, em seu trabalho de 1980. Em seguida, mostraremos como as categorias dos marcadores de orientação ilocucionária e dos marcadores de ato ilocucionário podem ser integradas em cada uma das etapas do estudo das relações de discurso, constituindo recursos preciosos para a definição das relações genéricas e específicas. Por fim, para revelar o interesse de uma tal abordagem no estudo de textos autênticos (ou seja, não fabricados para fins de análise), essa abordagem será utilizada no estudo de um excerto extraído da peça teatral “Anti-Nelson Rodrigues” (RODRIGUES, 1981).

Tipologia de marcadores ilocucionários

Como parte de um projeto de pesquisa que buscou a inter-relação de recursos linguísticos (lexicais e gramaticais), estrutura do texto e interação (ROULET *et al.*, 1985), a tipologia de marcadores ilocucionários proposta por Roulet (1980) resulta da combinação de estudos sobre trabalho de face (*face work*) e sua contraparte linguística (GOFFMAN, 1967/1955; BROWN; LEVINSON, 1978/1987, LAKOFF, 1977), sobre o implícito e os atos de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1995/1979; GRICE, 1975) e sobre a descrição linguística de marcadores discursivos (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983; DUCROT *et al.*, 1980). Com essa tipologia, propõe Roulet (1980) instrumentos para a descrição das marcas que especificam o valor ilocucionário do ato (pedido, ordem, crítica, etc.), bem como para a explicação das funções que elas exercem na estrutura do discurso e no trabalho de face.

Para isso, parte o autor da percepção, fortemente ancorada em Lakoff (1977) e Brown e Levinson (1978/1987), de que o locutor, diante da tarefa de realizar um ato ameaçador para uma das faces envolvidas na interação⁴, deve optar por uma destas duas grandes estratégias: i) ser o mais claro e direto possível, assegurando a compreensão do valor ilocucionário do ato pelo interlocutor e correndo o risco de agredir uma das faces em jogo; ii) ser ambíguo e menos direto, evitando se impor, para poupar as faces em jogo, e correndo o risco de não ser compreendido.

4 Os atos (ou os valores) ilocucionários podem ser ameaçadores para as faces (face positiva) e os territórios (face negativa) dos interlocutores (BROWN; LEVINSON, 1978/1987). Assim, há atos que são tipicamente ameaçadores para a face positiva do locutor (*desculpa*), para a face negativa do locutor (*oferecimento*), para a face positiva do interlocutor (*crítica*) e para a face negativa do interlocutor (*pedido*) (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992).

Cada uma dessas grandes estratégias abarca subestratégias. De um lado, é possível assegurar a compreensão do valor ilocucionário do ato de duas formas: abertamente (*dizendo*) ou não abertamente (*indicando*). De outro, é possível poupar as faces em jogo também de duas formas: orientando (*dando a entender*) ou não orientando (*deixando entender*) a compreensão do valor ilocucionário do ato. As quatro subestratégias dão origem a um contínuo quanto ao grau de explicitude do valor ilocucionário do ato (Quadro 1). Para Roulet (1980), as subestratégias intermediárias seriam as mais interessantes, por assegurarem, ao mesmo tempo, a compreensão do valor ilocucionário pretendido e a preservação das faces dos interlocutores.

Quadro 1. Contínuo de subestratégias

Assegurar a compreensão (<i>ser claro</i>)		Poupar a face (<i>não se impor</i>)	
Abertamente (<i>dizendo</i>)	Não abertamente (<i>indicando</i>)	Orientando a interpretação (<i>dando a entender</i>)	Não orientando a interpretação (<i>deixando entender</i>)

Fonte: Elaborado a partir de Roulet (1980, p. 83)

Com base em Grice (1975), Roulet distingue quatro modos de realização linguística dessas subestratégias. O valor ilocucionário de um ato pode ser explicitado (comunicado de forma explícita) ou implicado (comunicado de forma implícita). No primeiro caso, o ato é denominado (verbo *pedir* no exemplo (1) abaixo). Quando comunicado de forma implícita, o valor ilocucionário pode ser implicado convencionalmente ou conversacionalmente. Diferentemente da implicatura conversacional, a convencional é independente do contexto e não pode ser anulada. No exemplo (2), o marcador *por favor* torna inequívoco e não anulável o valor de pedido do ato. Quando o valor ilocucionário é comunicado por implicatura conversacional, a implicatura pode ser generalizada ou particularizada. Ao contrário da implicatura particularizada, que é totalmente dependente do contexto (exemplo 4), a generalizada está ligada ao emprego de formas linguísticas, como exemplifica (3). Nesse ato, a construção *Você pode X?* é uma forma típica de se realizar um pedido, mas, diferentemente do que ocorre na implicatura convencional, a inferência de que, dizendo (3), o locutor faz um pedido pode ser anulada (ROULET, 1980).

- (1) Eu peço a você que feche a porta.
- (2) Feche a porta, por favor.
- (3) Você pode fechar a porta?
- (4) Está ventando muito.

Como se pode notar, cada um desses quatro modos de realização linguística das estratégias de comunicação dos atos corresponde a um tipo de *marcador de ato*

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

ilocucionário. O modo explícito corresponde aos *marcadores denominativos de ato ilocucionário*. Nesse caso, o locutor *diz, nomeia* claramente o valor ilocucionário do ato por meio de verbos performativos. Já a implicatura convencional corresponde aos *marcadores indicativos de ato ilocucionário*. Com esses marcadores, que abarcam sintagmas adverbiais, sintagmas adjetivais, interjeições etc., o locutor, também de forma clara e direta, *indica* o valor do ato. Por sua vez, a implicatura conversacional generalizada corresponde aos *marcadores potenciais de ato ilocucionário*. Enquanto recursos de proteção de face, esses marcadores permitem ao locutor apenas orientar a interpretação, *dando a entender*, com algum grau de ambiguidade, o valor do ato e possibilitando ao interlocutor escolher entre pelo menos duas interpretações. Esses marcadores abarcam verbos modais: *dever, poder, querer, crer* etc. Apenas a implicatura conversacional particularizada não possui marcadores característicos, em razão de sua total dependência do contexto. Por isso, um enunciado como (4) apenas *deixa entender* o valor do ato e se caracteriza por uma ausência total de imposição sobre o interlocutor.

Opondo-se a abordagens que, a partir da hipótese performativa de Ross (1970), associam cada construção sintática fundamental da sentença (declarativa, interrogativa, imperativa) a um ato específico (respectivamente, asserção, pergunta – demanda de informação – e ordem), Roulet (1980) observa que cada uma dessas construções pode expressar diferentes valores ilocucionários e não apenas um. Por exemplo, uma construção declarativa pode veicular uma asserção, uma confirmação ou uma crítica. Já uma construção imperativa pode veicular uma ordem, uma sugestão ou um oferecimento. Por isso, essas construções não constituem marcadores de atos ilocucionários, ainda que cada uma delas seja especializada em veicular determinados valores ilocucionários (ROULET, 1980; PERINI, 1998).

Baseando-se em Benveniste (1976/1964) e Halliday (1973), Roulet (1980; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) entende que as construções declarativa, interrogativa e imperativa expressam aspectos importantes das relações inter-humanas ou interpessoais e, desse modo, dão indicações preciosas sobre o tipo de relações de papéis existentes entre os interlocutores. Nos termos do autor:

- o emprego da construção imperativa situa o locutor em uma posição de força em relação ao interlocutor e coloca este na situação de reagir por uma ação, de fazer;
- o emprego da construção declarativa situa o locutor em uma posição de força ou de igualdade com o interlocutor e coloca este na situação de reagir, considerando o que foi dito ou crendo no que foi dito;

- o emprego da construção interrogativa situa o locutor em uma posição de dependência, de inferioridade em relação ao interlocutor e coloca este na situação de reagir por uma resposta, de dizer. (ROULET, 1980, p. 90).

Indicando tipos de relações de papéis, essas construções exibem uma natureza mais geral do que aquela dos marcadores de ato ilocucionário. Mas, assim como eles, sinalizam parte dos direitos e deveres que associam os interlocutores e, por isso, constituem um quarto tipo de marcadores, os *marcadores de orientação ilocucionária*.

Assim constituída, a tipologia dos marcadores ilocucionários de Roulet (1980, 2002, ROULET *et al.*, 1985) possibilita a compreensão de que todo ato se caracteriza por um marcador de orientação ilocucionária (construção declarativa, interrogativa ou imperativa) e pode se caracterizar ainda por um ou vários marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais). Dessa forma, enquanto o marcador de orientação ilocucionária define a relação de força existente entre os interlocutores, demandando do interlocutor um tipo de reação (agir, crer, responder), os marcadores de ato ilocucionário, se empregados, comunicam, de forma mais ou menos clara, o valor ilocucionário do ato.

A clareza máxima se obtém com os marcadores denominativos de ato ilocucionário (verbos performativos), como no ato: “Peço/Ordeno que você feche a porta”, os quais, no entanto, são raramente empregados, sobretudo, por razões de polidez (BROWN; LEVINSON, 1978/1987; ROULET, 1980; KERBRAT-ORECCHIONI, 1992; LEECH, 2014). Já nos atos abaixo, enquanto as construções imperativa (5), interrogativa (6) e declarativa (7) expressam diferentes tipos de relações, mais ou menos coercitivas, entre os interlocutores, o marcador indicativo *por favor* expressa claramente que se trata, nos três casos, de pedidos (ROULET, 1980).

- (5) Feche a porta, *por favor*.
- (6) Você poderia fechar a porta, *por favor*?
- (7) Eu gostaria que você fechasse a porta, *por favor*.

Por sua vez, a utilização de marcadores potenciais torna a definição do valor ilocucionário mais ambígua ou mais dependente do contexto. Por exemplo, o clássico enunciado “Você pode me passar o sal?” comporta o marcador de orientação ilocucionária interrogativo, que atribui ao interlocutor o dever de responder, bem como o marcador potencial de pedido *Você pode X?*. Como a instrução dada por esse último marcador não é convencional, mas conversacional generalizada, o interlocutor tem duas possibilidades: compreender o ato como um pedido ou compreendê-lo como uma demanda de informação (sua capacidade física para realizar a ação).

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Já em um enunciado desprovido de marcadores de ato ilocucionário, por exemplo, “Estou achando a comida sem sal”, o valor ilocucionário do ato se torna ainda mais obscuro, alusivo (pedido, crítica ou mera asserção?) e dependente do contexto. E, como o marcador de orientação ilocucionária declarativo, diferentemente do imperativo, não coloca o interlocutor no dever de agir, desaparece o grau de imposição sobre ele, que pode até permanecer em silêncio (ROULET, 1980; LEVINSON, 2007/1983).

Nessa perspectiva, a compreensão do valor ilocucionário de um ato se beneficia fortemente da análise dos marcadores ilocucionários e de sua combinação em contexto. Por isso, Roulet (1980, p. 96) considera desnecessária a noção de ato de fala indireto, entendendo que “não existem atos diretos e atos indiretos, mas somente atos marcados (de diferentes maneiras) e atos alusivos (em diferentes graus)”.

Como informado, nosso intuito neste trabalho é evidenciar que as diferentes categorias de marcadores ilocucionários definidas neste item podem exercer papel relevante em cada uma das duas etapas em que se desenvolve a análise das relações de discurso na perspectiva de Roulet para o estudo da organização do discurso (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Enquanto os marcadores de orientação ilocucionária atuam na primeira etapa, auxiliando na identificação das relações genéricas, os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) atuam na segunda, quando do cálculo da relação específica. O papel desses marcadores em cada etapa será evidenciado no item a seguir.

O papel dos marcadores ilocucionários no estudo das relações de discurso

Como informado na introdução, na abordagem de Roulet (1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), o estudo das relações de discurso (interativas e ilocucionárias) presentes em uma produção discursiva e de seus marcadores se realiza em duas etapas. Na primeira, correspondente à análise das relações genéricas, o estudo das relações ilocucionárias se faz com base em dois tipos de categorias de relações: as *iniciativas* – pergunta, pedido e asserção – e as *reativas* – resposta e ratificação.

A distinção entre relações iniciativas e reativas é ligada à posição que os atos ocupam na estrutura da troca, já que o valor ilocucionário de um ato se define, em grande medida, pela relação que ele estabelece com os atos que o antecedem e o sucedem

(MOESCHLER, 1994; HERITAGE, 2012)⁵. Assim, o primeiro ato de uma troca se liga ao seguinte por uma relação genérica iniciativa (por exemplo, pergunta). Por sua vez, os atos intermediários de uma troca se caracterizam por duas relações genéricas. Por exemplo, o segundo ato pode se ligar ao anterior por uma relação genérica reativa de resposta e ao terceiro por uma relação genérica iniciativa de asserção. Por fim, o ato com que um dos interlocutores finaliza a troca, indicando seu encerramento, se liga ao anterior pela relação reativa de ratificação (ROULET, 2006).

Neste trabalho, entendemos que os marcadores de orientação ilocucionária (construções declarativa, interrogativa e imperativa) que caracterizam os atos da troca auxiliam na identificação das relações ilocucionárias genéricas. Para compreendermos o papel desses marcadores na identificação das relações genéricas, é preciso estabelecer correspondências entre esses marcadores, as relações ilocucionárias genéricas iniciativas e reativas e a posição (inicial, intermediária e final) dos atos na troca⁶.

O ato que abre uma troca constitui a proposição inicial do locutor. Nessa posição, o ato que se caracteriza pela construção declarativa (8), interrogativa (9) ou imperativa (10) estabelece relação iniciativa de asserção, pergunta ou pedido, respectivamente, com o ato que o sucede.

- (8) Preciso saber as horas.
- (9) Que horas são?
- (10) Me diga as horas.

5 Na estrutura da troca, cada etapa do processo de negociação (proposição, reação e ratificação) constitui uma intervenção que pode ser formada por um ato apenas, mas que também pode ser formada por vários atos, intervenções e mesmo trocas subordinadas. Assim, o valor ilocucionário caracteriza toda a intervenção, independentemente da complexidade de sua estrutura interna (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). No entanto, como as relações que se estabelecem entre os constituintes internos de uma intervenção são interativas e como nosso objeto de estudo neste trabalho são as relações ilocucionárias e seus marcadores, em nossa exposição faremos referência apenas à noção de ato. Nosso intuito é, assim, tornar mais clara nossa exposição.

6 Para maior clareza em nossa exposição, as correspondências propostas na sequência serão ilustradas com atos criados por nós, os quais simulam as diferentes etapas de uma troca. Mas, no próximo item, essas correspondências serão verificadas na análise das relações genéricas de um texto autêntico: um excerto de uma peça teatral. Além disso, as correspondências sugeridas por nós se baseiam nas regras de estruturação da troca e de articulação de atos formuladas no âmbito da abordagem teórica em que nos inserimos (cf. ROULET, 1999; ROULET *et al.*, 1985; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; MOESCHLER, 1982, 1985, 1996), a partir da análise de textos autênticos, como interações comerciais, peças teatrais, entrevistas e programas televisivos.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

O ato que segue o ato inicial corresponde à reação do interlocutor, reação que pode ser positiva (exemplo (11)) ou negativa (exemplos (12) e (13)). Esse ato pode ser marcado pela construção declarativa (exemplos (11) e (12)) ou pela imperativa (exemplo (13)) e se caracteriza por duas relações: ele se liga ao ato anterior pela relação reativa de resposta e ao seguinte pela relação iniciativa de asserção (construção declarativa) ou de pedido (construção imperativa)⁷.

- (11) São novas horas.
- (12) Não sei.
- (13) Pergunte à Maria! / Olhe seu próprio relógio!

O ato que segue a reação pode exercer duas funções na estrutura da troca, o que depende da natureza (positiva ou negativa) da reação que o antecede. Se a reação foi positiva, o ato que a segue pode constituir uma ratificação do locutor, sinalizando o fim da troca e o alcance da completude dialógica. A ratificação será abordada adiante. Se a reação foi negativa, o ato que a segue pode constituir uma contraproposição do locutor, ou seja, a retomada da proposição inicial, mas formulada diferentemente (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; HERITAGE, 2012). Esse ato pode ser marcado pela construção declarativa (14), imperativa (15) ou interrogativa (16) e também se caracteriza por duas relações: ele se liga ao ato anterior pela relação reativa de resposta e ao seguinte pela relação iniciativa de asserção (construção declarativa), pedido (construção imperativa) ou pergunta (construção interrogativa).

- (14) Você pode muito bem olhar seu relógio!
- (15) Olhe seu relógio!
- (16) O que te custa olhar seu relógio?

A contraproposição do locutor pode motivar uma contrarreação do interlocutor, cujas propriedades relacionais são as mesmas da primeira reação, apresentadas anteriormente. Assim, como raramente uma troca se reduz a três atos (proposição, reação e ratificação), podendo comportar número bem mais elevado de etapas, a produção de

⁷ O ato que, posicionado logo após o ato inicial, é marcado pela construção interrogativa não constitui uma resposta, mas um pedido de esclarecimento necessário à resposta, como nesta troca:

A: Que horas são?

B: Por que você quer saber?

A: Porque acho que estou atrasado para o trabalho.

B: São nove horas.

Nesse exemplo, o ato “Por que você quer saber?” não constitui uma resposta à pergunta “Que horas são?”, mas o primeiro ato de uma troca de clarificação subordinada à pergunta. A resposta (“São nove horas.”) é dada apenas quando a troca subordinada se encerra. Vale esclarecer que trocas de clarificação podem ser subordinadas a qualquer constituinte da troca e não apenas ao ato inicial (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2019).

contraproposições e contrarreações é o mecanismo responsável pela extensão da troca (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2019).

O ato que, em posição final na troca, expressa seu encerramento e, portanto, o alcance da completude dialógica pelos interlocutores se liga ao anterior pela relação de ratificação. Nesse caso, o ato se caracteriza ou pela construção declarativa, exigindo do interlocutor apenas considerar/aceitar o fim da troca (17), ou pela construção imperativa⁸. Nesse caso, o locutor, por meio dessa construção, tenta impedir que o interlocutor dê sequência à troca, forçando seu encerramento, e o coloca na posição de realizar uma ação não verbal. Por exemplo, a troca cuja reação negativa é o ato “Pergunte [as horas] à Maria!” pode ter como ratificação atos no imperativo como em (18). Nesse sentido, encerrar a troca com ato marcado pela construção imperativa pode constituir uma maneira de expressar discordância com o interlocutor.

(17) Agradeço a informação (Obrigado!)

(18) Veja como fala! / Seja mais educado! / Não seja grosseiro!

Na segunda etapa do estudo das relações de discurso, como exposto, descreve-se a relação específica que liga um constituinte do texto a uma informação previamente estocada na memória discursiva (cf. nota 3). Nessa etapa, que desenvolve a anterior, interpreta-se o valor ilocucionário dos atos em análise e de seu papel na interação. A descrição da relação específica se baseia em um cálculo inferencial informal. A partir de contribuições da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995), Roulet propõe um modelo para o cálculo do percurso inferencial que leva à interpretação de uma relação específica, cálculo que se realiza em duas fases, a de explicitação e a de implicação (ROULET, 2002, 2003, 2006; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021). A fase de explicitação corresponde a um enriquecimento informacional do ato (sua forma lógica enriquecida) que se obtém por meio da identificação dos argumentos de itens lexicais, bem como dos referentes de pronomes, expressões nominais definidas e desinências verbais (MOESCHLER *et al.*, 1994; CUNHA, 2021).

Completando a fase anterior, a de implicação conduz à interpretação final e corresponde a uma análise pragmática e inferencial, por possibilitar uma interpretação completa do segmento de discurso em estudo. Conforme Cunha (2021, p. 5),

⁸ O ato que encerra uma troca não pode ser marcado pela construção interrogativa, já que nesse caso tem-se ou o prolongamento da troca (contraproposição) ou a abertura de uma troca subordinada com o pedido de clarificação sobre o ato anterior.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

A obtenção dessa interpretação resulta da combinação destas informações de ordem linguística, textual e referencial: i) o material linguístico fornecido pela forma proposicional na fase de explicitação, ii) se houver um marcador (conector ou estrutura sintática), as instruções que o caracterizam, iii) informações da memória discursiva procedentes do cotexto, do contexto físico imediato e/ou da memória enciclopédica (conhecimentos de mundo) (MOESCHLER, 1994; MOESCHLER *et al.*, 1994; ROULET, 2003). As informações envolvidas nesse cálculo inferencial constituem premissas que conduzem à conclusão (interpretação) sobre a relação específica em exame.

Neste trabalho, propomos que nessa segunda etapa sejam considerados os demais marcadores apresentados no item anterior, os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais). Para isso, as instruções desses marcadores participam do cálculo inferencial como uma premissa de natureza linguística (sintática ou lexical), auxiliando na identificação do(s) valor(es) ilocucionário(s) que um ato pode expressar.

Estudo das relações ilocucionárias (genéricas e específicas) de um excerto de uma peça teatral

Para evidenciar como uma análise na perspectiva exposta nos itens anteriores pode ser realizada e o papel que os marcadores ilocucionários exercem nessa análise, estudaremos as relações ilocucionárias presentes em um excerto de um texto escrito e dialogal: o início da peça teatral “Anti-Nelson Rodrigues” (RODRIGUES, 1981, p. 275)⁹. No excerto, Tereza, mãe de Oswaldinho, flagra seu filho roubando joias (“pulseiras, colares, brincos”) de seu cofre.

- (19) *Tereza (assombrada)* – Que é que você está fazendo aí?
Oswaldinho (atônito) – Eu? Nada. (*ao mesmo tempo ele põe algumas jóias no bolso*)
Tereza – As minhas jóias!
Oswaldinho (num rompante) – A senhora sai, volta! Quem manda a senhora voltar?
Tereza – Me dá as jóias, imediatamente.
Oswaldinho – Até logo, mamãe!
[...]

⁹ Ainda que a abordagem aqui em exposição possa ser utilizada no estudo de toda forma de discurso, a escolha desse excerto se justifica por se tratar de um texto dialogal (ou seja, caracteriza-se pela estrutura de troca) que, apesar de sua curta extensão, apresenta exemplares da maior parte dos tipos de marcadores ilocucionários, como veremos na sequência, e cujo tópico (uma briga entre mãe e filho) é facilmente compreensível, não necessitando de maiores esclarecimentos contextuais. Na análise, as indicações do narrador em itálico, relativas ao comportamento não verbal das personagens, serão consideradas como elementos do contexto.

Nessa análise, estudaremos inicialmente as relações genéricas e, em seguida, as relações específicas presentes no excerto, evidenciando o papel dos diferentes tipos de marcadores ilocucionários em cada uma das etapas do estudo das relações de discurso.

Relações genéricas e marcadores de orientação ilocucionária

A proposição inicial da troca (“Que é que você está fazendo aí?”) é produzida por Tereza e se caracteriza pelo marcador de orientação ilocucionária interrogativo. Por isso, esse ato se liga ao seguinte por uma relação iniciativa de pergunta. Como vimos, a construção interrogativa estabelece uma relação desigual de papéis entre os interlocutores, na medida em que situa seu produtor em uma posição de dependência e inferioridade face ao interlocutor. Afinal, este detém um conhecimento que o locutor, a princípio, não detém¹⁰. Nesse sentido, a primeira intervenção da troca já sugere a relação conflituosa que marcará a interação entre as personagens, mãe e filho, o que é acentuado pela indicação do narrador de que Tereza, ao ver o filho roubando suas joias, ficou *assombrada*. Do ponto de vista da distribuição dos direitos e deveres que subjaz à construção interrogativa, esta coloca Oswaldinho na obrigação de responder.

A reação de Oswaldinho é formada por dois atos: “Eu?” e “Nada”. A relação de discurso existente entre esses atos é de natureza interativa e não ilocucionária, porque articula informações constitutivas da intervenção e não da troca, contribuindo para a completude da intervenção (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021). Nessa intervenção, o ato “Eu?”, por não trazer sua informação central, funciona como uma preparação para o ato seguinte (“Nada”), que constitui, de fato, a resposta à pergunta feita previamente¹¹. Verifica-se, assim, uma relação de natureza hierárquica entre os atos, o primeiro sendo subordinado ao segundo. É possível interpretar que o ato principal dessa intervenção se caracteriza pelo marcador declarativo, já que pode ser parafraseado por: “Não estou fazendo nada”. Por isso, esse ato se liga ao anterior por uma relação reativa de resposta e ao seguinte por uma relação iniciativa de asserção.

Conforme Roulet (1980), a construção declarativa situa seu produtor em uma posição de força ou de igualdade em relação ao interlocutor. Porque a indicação contextual

10 Exceções a essa caracterização geral são as perguntas feitas por professores e dirigidas a alunos em contexto escolar (MARCUSCHI, 2008; HERITAGE, 2012).

11 A interpretação do papel acessório de “Eu?” se baseia no fato de que essa pergunta infringe a máxima da relevância, por não haver outros personagens na cena, e gera, por isso, a inferência de que Oswaldinho não pode (não se sente à vontade para) dizer verdadeiramente o que estava fazendo ali. A indicação do narrador de que ele ficou atônico com a chegada de sua mãe e com sua pergunta sustenta essa interpretação do ato.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

que antecede a intervenção de Oswaldinho sinaliza que a pergunta de Tereza o deixou *atônito*, é possível interpretar que ele, ao dizer que não estava fazendo “nada”, tentou estabelecer uma relação de igualdade com sua mãe, mas não foi bem-sucedido nessa manobra, já que a chegada de Tereza o desestabilizou, por contrariar suas expectativas.

A construção declarativa, como vimos, coloca o interlocutor na situação de reagir considerando o que foi dito ou crendo no que foi dito. Nesse sentido, a reação de Oswaldinho poderia levar Tereza a produzir uma ratificação, por meio da qual expressaria um acordo sobre a possibilidade de encerrar a troca, algo como: “Tudo bem!”. Porém, Tereza, ao dizer na sequência “As minhas jóias!”, produz uma contraproposição e revela ter percebido o que de fato seu filho estava fazendo. É possível interpretar que a fala de Tereza (“As minhas jóias!”) se caracteriza pelo marcador ilocucionário declarativo, por ser parafraseável por “Você está com as minhas jóias!” ou “Você está roubando as minhas jóias!”¹². Por isso, essa intervenção se liga à anterior por uma relação de resposta e à seguinte por uma relação de asserção. Com esse ato, Tereza procura estabelecer uma relação de força com Oswaldinho, que deve entender que sua mãe compreendeu que ele a está roubando.

A intervenção com que Oswaldinho reage à contraproposição de sua mãe é formada por dois atos. O primeiro é uma sentença imperativa (“A senhora sai, volta!”); o segundo, uma sentença interrogativa (“Quem manda a senhora voltar?”). Também nessa intervenção, a relação entre os atos que a compõem é de natureza interativa e não ilocucionária. Considerando a mudança no comportamento da personagem, que de *atônito* passa a *agressivo*, agindo *num rompante*, como indicado pelo narrador, podemos interpretar que o ato central dessa intervenção é “A senhora sai, volta!”, com o qual Oswaldinho busca se desvencilhar de sua mãe para concluir o roubo das joias, não tendo o segundo ato a função genuína de demanda de informação, embora marcado pela construção interrogativa (HERITAGE, 2012). Nesse sentido, o ato principal imprime à intervenção sua orientação ilocucionária, e em relação a esse ato o segundo funciona como um comentário.

Por se caracterizar pela construção imperativa, o ato “A senhora sai, volta!” se liga à intervenção anterior por uma relação de resposta e à seguinte pela relação de pedido. Como é próprio desse marcador de orientação ilocucionária, esse ato coloca Oswaldinho

¹² Diferentemente de autores que, ao lado das construções declarativa, interrogativa e imperativa, propõem outros tipos de construções, como a exclamativa e a optativa (PERINI, 1998; BECHARA, 2009), adotamos a tipologia de Roulet (1980), que se baseia em Halliday (1973) e Benveniste (1976/1964) e se assemelha à de Castilho (2010) para o português. Assim, em razão da possibilidade de paráfrase mencionada, consideramos que o ato “As minhas jóias!” é marcado pela construção declarativa e não por uma construção exclamativa.

numa posição de força e de superioridade em relação à sua mãe, que se vê na obrigação de reagir por uma ação, que, no caso, é sair.

Contrariando a relação de papéis característica da construção imperativa que marca o ato “A senhora sai, volta!”, Tereza não sai e produz nova contraproposição, também caracterizada pelo marcador de orientação ilocucionária imperativo (“Me dá as jóias, imediatamente.”). Como se vê, a impossibilidade de as personagens chegarem a um acordo sobre o fim da troca, impossibilidade que se traduz numa escala de tensão entre elas e no prolongamento da própria troca (CUNHA, 2019), se deve à subversão das relações de papéis previstas pelas construções declarativa, imperativa e interrogativa.

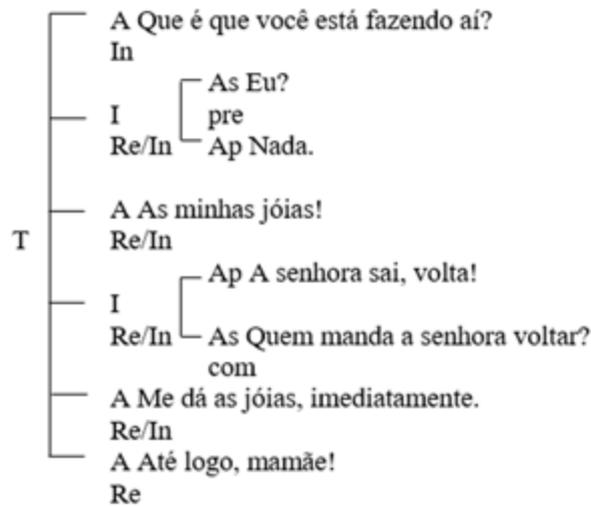
Assim como Tereza, Oswaldinho ignora a relação de direitos e deveres que subjaz à construção imperativa “Me dá as jóias, imediatamente” e não realiza a ação exigida por sua mãe. Ao contrário, utiliza uma fórmula de despedida (“Até logo, mamãe!”), para tentar forçar o encerramento da troca por meio de uma ratificação. Essa tentativa fracassa, já que, na sequência da peça, não analisada aqui, a disputa entre mãe e filho se desenvolve.

Nesta primeira etapa do estudo das relações de discurso, a análise do processo de negociação se representa por meio de estruturas hierárquico-relacionais em que o processo de negociação completo se materializa na estrutura de troca e as várias etapas (proposições, reações, contraproposições, contrarreações, ratificações) desse processo se materializam em intervenções e em atos, articulados pelas relações ilocucionárias e interativas (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). A análise realizada neste item pode ser representada por meio desta estrutura hierárquico-relacional (Figura 1)¹³.

13 Na troca (T), cada intervenção (I) ou ato (A) materializa uma etapa do processo de negociação. A primeira intervenção se liga à intervenção seguinte por uma relação iniciativa (IN), enquanto a última intervenção se liga à anterior por uma relação reativa (RE). Cada intervenção intermediária se caracteriza por duas relações, uma iniciativa e outra reativa (IN/RE). Nas intervenções formadas por mais de um ato, um é principal (p) em relação ao outro, que é subordinado (s). Entre esses atos, estabelecem-se relações interativas de preparação (pre) e de comentário (com).

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Figura 1. Estrutura hierárquico-relacional



Fonte: Elaboração própria

A primeira etapa do estudo das relações ilocucionárias fornece uma primeira aproximação do processo de negociação desenvolvido pelos interlocutores. Como evidenciado com a análise, os marcadores de orientação ilocucionária constituem recursos importantes para a compreensão do que se passa ao longo de uma interação e do modo como os interlocutores escolhem desenvolver o processo de negociação. Auxiliando na identificação das relações genéricas, esses marcadores permitem, assim, entender as relações de força que cada interlocutor busca estabelecer com o outro e o modo como o outro se submete ou não a essas relações.

Porém, os resultados obtidos nesta etapa apresentam um grau de generalidade pouco satisfatório, não explicando, por exemplo, a intuição de que a pergunta com que Tereza abre a troca (“Que é que você está fazendo aí?”) não constitui uma simples demanda de informação, algo como “Que horas são?” (HERITAGE, 2012). Para entender a especificidade das relações identificadas nesta etapa, é preciso, na segunda etapa da análise, realizar o cálculo da relação específica que liga os constituintes da troca. Como exposto, as instruções próprias dos demais marcadores ilocucionários propostos por Roulet (1980) (denominativos, indicativos e potenciais) podem auxiliar fortemente na realização desse cálculo e numa melhor compreensão do que ocorre no processo de negociação protagonizado por Tereza e Oswaldinho.

Relações específicas e marcadores de ato ilocucionário

Nesta etapa da análise, o estudo das relações específicas se faz por meio do cálculo do percurso inferencial necessário para a compreensão dos atos em análise. Esse cálculo se compõe de premissas de natureza linguística ou referencial que levam à interpretação (conclusão) acerca da relação específica que liga o ato àqueles com que co-ocorre na estrutura da troca.

Como informado, a primeira premissa desse cálculo é de ordem linguística e corresponde à fase de explicitação, que consiste na identificação dos argumentos de itens lexicais, bem como dos referentes de pronomes, expressões nominais definidas e desinências verbais presentes no ato. Nessa premissa, é considerada também a relação genérica identificada na etapa anterior (pedido, asserção, pergunta etc.), já que sua identificação, como vimos, se baseia em uma informação de ordem linguística, a saber, os marcadores de orientação ilocucionária (as construções sintáticas declarativa, imperativa e interrogativa). As demais premissas que entram no cálculo são ou de natureza referencial (“informações da memória discursiva procedentes do cotexto, do contexto físico imediato e/ou da memória enciclopédica (conhecimentos de mundo)” (CUNHA, 2021, p. 05)) ou de natureza linguística (instruções que caracterizam os marcadores de ato ilocucionário denominativos, indicativos e potenciais empregados).

Neste item, por motivo de espaço, não procederemos ao estudo de todos os atos da troca em análise. Analisaremos apenas os três produzidos por Tereza, porque se caracterizam pelos três marcadores de orientação ilocucionária interrogativa, declarativa e imperativa. A seguir, reproduzimos esses atos, e o quadro que segue cada um deles traz o percurso inferencial que, do nosso ponto de vista, é necessário à sua interpretação. Nesses quadros, a coluna da esquerda indica a natureza da premissa, se linguística ou referencial, ao passo que a coluna da direita traz as premissas correspondentes. A última linha apresenta a interpretação (conclusão) final sobre a relação específica que caracteriza o ato e, conseqüentemente, sobre o papel que desempenha na interação entre as personagens.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Tereza (assombrada): Que é que você está fazendo aí?

Premissa 1 Informação linguística	Ao ver seu filho, Oswaldinho, escolhendo entre pulseiras, colares, brincos que lhe pertencem, Tereza pergunta a ele o que é que está fazendo no cofre de joias (“aí”).
Premissa 2 Informação linguística (Construção “Que é que X?”)	A construção “Que é que X?” pode ser entendida como um marcador potencial de pedido de esclarecimento sobre a ação do interlocutor ou de terceiros. A construção implica que essa ação é negativa ¹⁴ .
Premissa 3 Informação referencial (Indicação do narrador de que Tereza ficou <i>assombrada</i>)	Uma mãe que vê o próprio filho roubando suas joias pode ter reações emocionais diversas, como a de assombro.
Premissa 4 Informação referencial	Uma pessoa que pergunta a um ladrão apanhado em flagrante o que ele está fazendo pede, com a pergunta, esclarecimentos sobre a ação do ladrão, a fim de confirmar a suspeita do roubo.
Conclusão Interpretação	Com sua pergunta, Tereza pede a Oswaldinho esclarecimentos sobre sua ação para confirmar a suspeita que a deixou assombrada de que ele está roubando suas joias.

Tereza: As minhas jóias!

Premissa 1 Informação linguística	Tereza expressa sua percepção de que seu filho, Oswaldinho, está roubando suas joias.
Premissa 2 Informação referencial (Indicação do narrador: <i>ao mesmo tempo ele põe algumas jóias no bolso</i>)	Antes de dizer “As minhas jóias!”, Tereza viu seu filho colocando algumas joias no bolso.
Premissa 3 Informação referencial	É socialmente (moralmente) condenável o roubo de bens materiais, o que se agrava se o ladrão é filho da vítima.
Conclusão Interpretação	Não constituindo uma mera asserção, o ato de Tereza pode ser entendido como uma acusação (“Você está roubando as minhas joias!”). Mas, dada a ausência de marcadores de ato ilocucionário, o ato permanece ambíguo, sendo plausível interpretá-lo ainda como um pedido ou uma súplica (“Não roube as minhas joias!”).

¹⁴ Ainda que o agente seja um terceiro, a inferência de que a ação é negativa se mantém: “Que é que Oswaldinho está fazendo ali?”. O papel de construções interrogativas na realização de desafios e acusações, que implicam uma avaliação negativa da ação do interlocutor, como “How could you X?”, é abordado por Heritage (2012).

Tereza: Me dá as jóias, imediatamente.

Premissa 1 Informação linguística	Tereza pede a seu filho, Oswaldinho, que ele lhe dê imediatamente as jóias que pegou no cofre.
Premissa 2 Informação linguística (Advérbio <i>imediatamente</i>)	Acrescentado a um ato ou intervenção, <i>imediatamente</i> indica que esse constituinte textual é uma ordem (marcador indicativo de ato ilocucionário) e que a ação nele expressa deve ser realizada no momento da fala ¹⁵ .
Premissa 3 Informação referencial	Uma pessoa que diz a um ladrão apanhado em flagrante que ele deve devolver imediatamente os objetos roubados está lhe dando uma ordem.
Conclusão Interpretação	Tereza ordena a seu filho, Oswaldinho, que lhe dê as jóias que ele pegou.

As análises apresentadas nos percursos inferenciais revelam o papel essencial que os marcadores de ato ilocucionário exercem na interpretação dos atos. A ausência desses marcadores em um ato torna-o ambíguo, como em “As minhas jóias!”, que pode ser entendido como acusação, pedido ou súplica. Por isso mesmo, em comparação aos outros dois atos produzidos por Tereza, esse pode ser entendido como o menos agressivo para a face de Oswaldinho (que não recebe uma acusação explícita) e para a de Tereza (que não realiza um pedido ou uma súplica explícita).

Já a presença de um marcador potencial torna a compreensão do ato menos incerta e menos sujeita a múltiplas interpretações, como ocorre em “Que é que você está fazendo aí?”. Com esse ato, é possível inferir que Tereza pede esclarecimentos ao filho para confirmar a suspeita do roubo. Mas, como a construção *Que é que X?* constitui um marcador potencial, Tereza poderia negar a implicatura de que, com esse ato, ela busca confirmar essa suspeita, como no exemplo (20):

- (20) *Tereza: Que é que você está fazendo aí?*
Oswaldinho: Você pensa que eu estou te roubando?
Tereza: Claro que não!

Por fim, a presença de um marcador indicativo de ato ilocucionário torna inequívoco o valor do ato. Em “Me dá as jóias, imediatamente”, o marcador *imediatamente*, somado à construção imperativa, evidencia que Tereza dá uma ordem a seu filho, implicatura que não pode ser negada, como evidencia o exemplo (21):

¹⁵ A interpretação de que o advérbio *imediatamente* constitui um marcador indicativo de ordem se confirma com sua substituição por *por favor*, um típico marcador indicativo de pedido: “Me dá as jóias, *por favor*”. Com *por favor*, a inferência de que o enunciado constitui uma ordem desaparece ou se torna bem menos plausível. Nesse sentido, o advérbio *imediatamente* parece exercer um papel (pragmático e interacional) complementar ao de sinalizador da concomitância temporal entre a ação expressa pelo verbo e o momento presente da fala (FIORIN, 2010; ILARI, 2002).

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

- (21) *Tereza*: Me dá as jóias, imediatamente
Oswaldinho: Você está me dando uma ordem?
Tereza: *Claro que não!

Não por acaso, dos três atos analisados esse é o mais agressivo para a face de Oswaldinho, sendo aquele a partir do qual a personagem não tentará mais negar que está praticando um roubo.

Em complemento à primeira etapa da análise das relações ilocucionárias, as análises desenvolvidas neste item, por meio dos cálculos inferenciais, permitiram revelar o papel dos marcadores ilocucionários nesse cálculo. Com base no estudo dos atos de Tereza, verifica-se que a consideração desses marcadores possibilita uma interpretação mais precisa das relações ilocucionárias que se estabelecem entre os atos de uma troca e, ao mesmo tempo, dos elos de natureza interpessoal coconstruídos pelos interlocutores no universo ficcional da peça, dando indicações preciosas acerca do modo como desenvolvem *in situ* o trabalho de face ao longo do processo de negociação.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos explicitar o papel que os marcadores ilocucionários exercem no estudo das relações ilocucionárias. No âmbito de sua abordagem cognitivo-interacionista para o estudo da organização do discurso, propõem Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) que o estudo das relações de discurso (ilocucionárias e interativas) deve se realizar em duas etapas. Inicialmente, estudam-se as relações genéricas e, em seguida, as relações específicas. No intuito de tornar a identificação das relações ilocucionárias mais precisa e menos dependente da intuição do analista, propusemos neste trabalho que, em cada uma dessas etapas, se considerem as instruções de determinados tipos de marcadores propostos por Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985).

Assim, os marcadores de orientação ilocucionária, que correspondem às construções sintáticas básicas da sentença (declarativa, interrogativa e imperativa), devem ser considerados na etapa de identificação das relações ilocucionárias genéricas. Já os demais marcadores – os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) – devem ser considerados na análise das relações específicas, etapa em que as instruções desses marcadores constituem parte das premissas com que se calcula a interpretação do ato em que ocorrem.

Com base na análise de um excerto de uma peça teatral, verificamos que, atuando nessas diferentes etapas, os marcadores ilocucionários permitem não só uma

identificação mais precisa das relações ilocucionárias, mas também a percepção dos vínculos de ordem interpessoal existentes entre os interlocutores, uma vez que essas relações constituem manobras com que eles desenvolvem o processo de negociação. Nesse sentido, esses marcadores, mais do que um simples inventário de classes de formas linguísticas, constituem recursos de que os interlocutores se valem para participar da interação e realizar conjuntamente o trabalho de face.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq a concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa (nível 2).
Processo: 304244/2019-8.

Referências

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Liège: Pierre Mardaga, 1983.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. Universidade de São Paulo, 1976 [1964].

BERRENDONER, A. Connecteurs pragmatiques et anaphore. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v. 5, p. 215-246, 1983.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, G. X. Relações de discurso e completude monológica: o impacto da restrição ritual sobre o estabelecimento das relações interativas. **Forma y Función**, Bogotá, v. 34, n. 1, p. 1-24, 2021.

CUNHA, G. X. Elementos para uma abordagem interacionista das relações de discurso. **Linguística**, Montevideú, v. 36, n. 2, p. 107-129, 2020.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019.

CUNHA, G. X. Conectores e processo de negociação: uma proposta discursiva para o estudo dos conectores. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, p. 1699-1716, 2017a.

CUNHA, G. X. O papel dos conectores na co-construção de imagens identitárias: o uso do *mas* em debates eleitorais. **ALFA**, São José do Rio Preto, v. 61, p. 599-623, 2017b.

CUNHA, G. X. Relações de discurso em narrativas jornalísticas: em busca de sistematizações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, p. 641-673, 2015.

CUNHA, G. X. As condições de emergência da função reformulativa do conector quando em reportagens. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, p. 143-170, 2014.

CUNHA, G. X.; BRAGA, P. B. Definindo o comentário metadiscursivo em uma perspectiva interacionista da Análise do Discurso. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 22, p. 171-188, 2018.

CUNHA, G. X.; MARINHO, J. H. C. A expressão conectiva na verdade: contribuições para uma abordagem polifônica dos conectores reformulativos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, p. 53-64, 2017.

CUNHA, G. X.; PICININ, R. V. C. As relações de poder em uma abordagem modular da organização do discurso. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, p. 77-96, 2018.

DUCROT, O.; BOURCIER, D.; BRUXELLES, S.; DILLER, A. M.; FOUQUIER, É.; GOUAZE, J.; SIRDAR-ISKANDAR, C. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

FILLIETTAZ, L.; ROULET, E. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. **Discourse Studies**, Thousand Oaks, v. 4, n. 3, p. 369-392, 2002.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2010.

- GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. *In*: GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Pantheon Books, 1967 [1955]. p. 5-45.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. L. **Syntax and semantics: Speech Acts**, v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-48.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. Londres: Edward Arnold, 1973.
- HERITAGE, J. Epistemics in action: action formation and territories of knowledge. **Research on language and social interaction**, Abingdon, v. 45, n. 1, p. 1-29, 2012.
- ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. *In*: ILARI, R. **Gramática do português falado: níveis de análise linguística**. v. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 139-180.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Colin, 1992.
- LAKOFF, R. What you can do with words: politeness, pragmatics and performatives. *In*: ROGERS, A.; WALL, B; MURPHY, J. P. **Proceedings of the Texas Conference on performatives, presuppositions and implicatures**. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1977. p. 94-120.
- LEECH, G. **The pragmatics of politeness**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].
- MARCUSCHI, L. A. O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. *In*: PRETI, D. **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 45-84.
- MARINHO, J. H. C. **O funcionamento discursivo do item “onde”**: uma abordagem modular. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- MARINHO, J. H. C.; CUNHA, G. X. Investigating the role of pragmatic connectives in journalistic textual genres. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v. 18, p. 545-563, 2018.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

MARINHO, J. H. C.; CUNHA, G. X. O papel das expressões *com efeito* e *seja como for* na conexão textual. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 5, p. 139-166, 2012.

MOESCHLER, J. **Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle**. Paris: Armand Colin, 1996.

MOESCHLER, J. Pragmatique intégrée et pragmatique cognitive. *In*: MOESCHLER, J.; REBOUL, A. **Dictionnaire encyclopédique de pragmatique**. Paris: Éditions du Seuil, 1994. p. 79-194.

MOESCHLER, J. **Argumentation et conversation**. Éléments pour une analyse pragmatique du discours. Paris: Hatier-Credif, 1985.

MOESCHLER, J. **Dire et contredire**: pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation. Berne: Peter Lang, 1982.

MOESCHLER, J.; REBOUL, A.; LUSCHER, J. M.; JAYEZ, J. Langage et pertinence: aspects linguistiques et pragmatiques du langage naturel. *In*: MOESCHLER, J.; REBOUL, A.; LUSCHER, J. M.; JAYEZ, J. **Langage et pertinence**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994. p. 15-38.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1998.

RODRIGUES, N. Anti-Nelson Rodrigues. *In*: RODRIGUES, N. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**: peças psicológicas. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 271-331.

ROSS, J. R. On declarative sentences. *In*: JACOBS, R.; A.; ROSENBAUM, P. S. **Readings in English Transformation Grammar**. Londres: Ginn and Company, 1970. p. 222-277.

ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. *In*: FISCHER, K. **Approaches to Discourse Particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 115-131.

ROULET, E. De la necessite de distinguer des relations de discours semantiques, textuelles et praxéologiques. *In*: ANDERSEN, H. L.; NOLKE, H. **Macro-syntaxe et macro-sémantique**. Berne: Peter Lang, 2002. p. 141-165.

ROULET, E. Une approche modulaire de la problématique des relations de discours. *In*: MARI, H. **Análise do discurso em perspectivas** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 149-178.

ROULET, E. **La description de l'organisation du discours**. Paris: Didier, 1999.

ROULET, E. Stratégies d'interaction, modes d'implication et marqueurs illocutoires. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v. 1, p. 80-103, 1980.

ROULET, E.; AUCHLIN, A.; MOESCHLER, J.; RUBATTEL, C.; SCHELLING, M. **L'articulation du discours en français contemporain**. Berne: Peter Lang, 1985.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Peter Lang, 2001.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1979].

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: communication and cognition. Oxford: Cambridge: Blackwell, 1995.

COMO CITARESTEARTIGO: CUNHA, Gustavo Ximenes. Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 10-34, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 26/11/2020 | Aceito em: 23/01/2021.
